

somente *Toda-Raba*, mas exige cinco outras obras "do mesmo veio, escritas igualmente em francês". Como ele conhece mal seu homem! Kazantzaki, que podia ter também como divisa: *En la hambre mando yo!*, apesar de sua extrema privação, não se digna a aceitar a oferta. Prefere dar seu livro a um jovem de vinte anos, um amigo desconhecido salvo miraculosamente de um gravíssimo acidente de estrada, que deseja publicá-lo. E é assim que se estabelece esta amizade preciosa entre Renaud de Jouvenel, e o intratável cretense, que derrubou com um pontapé a tigela de leite oferecida pelo todopoderoso Rieder.

Como Panait Istrati, Nikos Kazantzaki viaja agora além das fronteiras.

Possa este *Toda-Raba* que ele escreveu com tanto fervor e uma perfeita honestidade, ajudar a compreender com que sofrimentos um mundo novo tenta emergir das trevas. Ensinaram-nos na escola que nosso coração — bolinha de carne e de sangue — é terno e quente e se amolece ao contato da miséria humana. Quanto a mim, creio-o de granito, como uma montanha áspera de pontas jamais escaladas. Buda gostava de dizer que um pássaro que passasse por cima de uma montanha, roçando-a com suas asas, chegaria um dia a poli-la e a torná-la acessível. Por que não esperar que, em alguns milênios somente, que passarão como um relâmpago, as grandes idéias generosas, roçando com suas asas de sombra nosso coraçãozinho de granito, cheguem ao mesmo resultado? Tênhamos paciência, e confiança na Idéia Generosa; este dia virá mais rápido do que ousamos esperar.

Eleni KAZANTZAKI.

CAPÍTULO I

Moscou lançou um grito.

Su-ki, o velho professor tísico, está sentado sobre um tamborete; sobressalta-se. Esconde a carta em seu peito cheio de suor. Grita:

— Tchita!

Alma que vive!

Vira o rosto magro para sua casa miserável; a porta, mal fechada, está toda aberta, sombria.

— Tchita!

Levanta-se; seus dedos tremem; iam então, estes dedos de cadáver, dançar? Su-ki dá um passo; seu corpo arruinado se ergue com esforço e fica ereto, sobre o limiar da porta. Grande cidade horrorosa da Califórnia: ar pesado e viscoso, rangidos estridentes de máquinas, gritos arquejantes, odor nauseabundo de suor e de gordura rançosa, bulício de crianças descarnadas, berrando e cabriolando como macaquinhos esfomeados: o gueto amarelo, o bairro chinês.

Su-ki sorri; no ar escuro uma criança, frágil e triste, brinca. Seu filho Ni-nel. Segura na mão direita uma laranja; todo seu corpinho se inclina para a direita; cambaleia.

— Tchita!

Uma jovem mulher amarela aparece. Usa um velho quimono cor de terra; seus olhos apertados são muito tristes, a boca estreita.

— Tchita, estão me chamando. Devo partir.

— Sim, diz a mulherzinha amarela, e entrou na obscuridade. Um soluço — mais nada. Su-ki estendeu a orelha — mais nada.

Ele agarrou seu pobre peito e disse:

— Su-ki, não trema.